

TEXTO PARA COPIAR NO CADERNO:

ENTRE A COBIÇA E A SOBERBA

A inveja figura, desde as mais antigas tradições morais, como um vício corrosivo. Na ética judaico-cristã, sintetizada nos mandamentos atribuídos a Moisés, a proibição de cobiçar os bens, a mulher ou a posição do próximo aponta para a necessidade de conter o desejo desordenado que ameaça a convivência social. Cobiçar revela uma fratura interior: o sujeito deixa de reconhecer seus próprios limites e potenciais para fixar-se no que pertence ao outro. Trata-se, portanto, de uma falha de caráter associada à

insatisfação crônica e ao ressentimento.

Entretanto, a dinâmica humana raramente é unidirecional. Surge então uma questão mais sutil: que dizer daquele que, percebendo-se alvo de inveja, passa a explicitá-la publicamente, expondo o invejoso e, por vezes, provocando reações que confirmam a acusação? Se a inveja é vício, a exibição provocativa do sucesso também pode ser?

Sob o prisma ético, é possível argumentar que sim. Quando o invejado transforma a inveja alheia em troféu, ele deixa de agir por simples defesa e passa a instrumentalizar o sentimento do outro para alimentar a

própria vaidade. Seu sucesso — material, profissional ou afetivo — já não basta por si mesmo; ele precisa ser validado pelo desconforto que provoca. Nessa inversão perversa, o valor do que se possui reside menos na realização pessoal e mais na capacidade de suscitar desejo ou frustração. O que poderia ser satisfação legítima converte-se em exibição performática.

Há ainda um fenômeno psicológico relevante: a profecia autorrealizável. Ao acusar reiteradamente alguém de inveja, o invejado cria um ambiente de constante vigilância e humilhação. Qualquer gesto do outro pode ser reinterpretado como

confirmação do rótulo. O acusado, acuado, pode acabar reagindo com amargura — não necessariamente porque invejasse antes, mas porque foi reduzido a esse papel. Nesse caso, a atitude do invejado deixa de ser mera constatação e torna-se indução comportamental. A acusação passa a fabricar a realidade que pretende apenas descrever.

Além disso, a ética das virtudes — desde Aristóteles — sustenta que o caráter se mede não apenas pela ausência de vícios, mas pela prática ativa de virtudes como a temperança, a magnanimidade e a generosidade. Se alguém percebe que desperta inveja, a postura

mais nobre seria a discrição e a humildade, reconhecendo que a própria condição pode ser contingente e passageira. Transformar a vulnerabilidade alheia em palco para autoafirmação revela soberba — vício tradicionalmente considerado tão grave quanto a própria inveja, pois implica desprezo pela dignidade do outro.

Assim, delineiam-se duas falhas morais distintas. O invejoso peca pela cobiça: deseja o que não lhe pertence e corrói-se internamente por comparação constante. O invejado exibicionista peca pela soberba: precisa da inferiorização do outro para confirmar a própria superioridade. O

primeiro sofre pela falta; o segundo depende do sofrimento alheio para sustentar sua autoestima. Ambos estão presos a uma relação de dependência simbólica.

Em conclusão, embora a inveja seja um veneno íntimo, a atitude de expor e explorar a inveja alheia não é moralmente neutra. Ao contrário, pode revelar imaturidade emocional e falha de caráter equivalente. A verdadeira superioridade moral não consiste em ser objeto de inveja, mas em não precisar dela. Quem necessita da validação da inveja do outro demonstra, paradoxalmente, estar tão dependente quanto aquele que cobiça.